

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent



Ano LII, número 2 (2.699)

Cidade do Vaticano

terça-feira 12 de janeiro de 2021

Reconciliação nacional e tutela da democracia

Apelo do Pontífice depois do assédio ao congresso dos Estados Unidos



Uma exortação «a manter um elevado sentido de responsabilidade, a fim de tranquilizar os ânimos, promover a reconciliação nacional e tutelar os valores democráticos radicados na sociedade americana» foi dirigida pelo Papa às autoridades e «ao povo dos Estados Unidos da América, abalado pelo recente assédio ao Congresso». O Pontífice lançou o apelo no final do Angelus de domingo 10 de janeiro – recitado ainda sem a presença de fiéis por causa do coronavírus na Biblioteca do Palácio apostólico do Vaticano – juntamente com a certeza da

sua oração por quantos «perderam a vida naqueles dramáticos momentos». Depois de ter reafirmado «que a violência é sempre autodestrutiva», pois com ela nada se ganha e muito se perde», Francisco invocou «a Virgem Imaculada, Padroeira dos Estados Unidos da América», para que «ajude a manter viva a cultura do encontro, a cultura do cuidado, como via mestra para construir juntos o bem comum... naquela terra». Anteriormente, como de costume, o Papa comentou o Evangelho do dia centrado no batismo de Jesus.

PÁGINA 8

O Papa no Congresso dos Estados Unidos da América (24 de setembro de 2015)

Entrevista do Pontífice ao programa do canal televisivo italiano “Tg5”

O mundo precisa de unidade e fraternidade

Redescobrir-se unidos, mais próximos a quem sofre, sentir-se irmãos para superar juntos a crise mundial causada pela pandemia. No início da entrevista ao Tg5, Francisco reiterou que “de uma crise nunca se sai como antes, nunca. Saímos melhores ou piores”. Para o Papa, “é preciso rever tudo. Os grandes valores sempre existem na vida, mas os grandes valores devem ser traduzidos na vida do momento”. O Pontífice faz enumerar uma série de situações dramáticas a partir das crianças que sofrem com a fome e não podem ir à escola e as guerras que atingem muitas áreas do planeta. “Sobre isto as estatísticas das Nações Unidas, destacou”. Adverte que se nós sairmos da crise “sem ver estas coisas, a saída será outra derrota. E será pior. Olhemos somente para estes dois problemas: as crianças e as guerras”.

Vacinar-se é uma ação ética

Em seguida o Papa responde a uma pergunta do jornalista Fabio Marchese Ragona sobre as vacinas. “Eu creio – afirmou – que eticamente todos se devem vacinar. Não é uma opção, é uma ação ética. Porque está em risco a sua saúde, a vida pessoal, e a vida do próximo”. E explicou que nos próximos dias começará a campanha de vacinação no Vaticano e também ele se “inscreveu” para receber a dose. “Sim, deve-se fazer”, repetiu, “se os médicos a apresentam como algo que pode ser bom e que não tem perigos especiais, por que não se vacinar? Nisto há um negacionismo suicida, que eu não sei explicar”. Para o Pontífice, este é o tempo de “pensar no nós e cancelar por um período o eu, colocá-lo entre parênteses. Ou nos salvamos todos com o nós ou não se salva ninguém”. A este respeito, o Papa

falou de modo amplo, oferecendo a sua reflexão sobre o tema da fraternidade, para ele muito importante. “Este é o desafio: fazer-me próximo do outro, próximo da situação, próximo dos problemas, fazer-me próximo das pessoas”. “A cultura da indiferença é inimiga da proximidade”. Fala-se de um “saúdável desinteresse pelos problemas, mas o desinteresse não é saúdável. A cultura da indiferença destrói, porque me afasta”.

É o “tempo do nós” para superar a crise

“A indiferença – observou – mata-nos porque nos afasta. Ao contrário, a palavra-chave para pensar nas saídas da crise é a palavra ‘proximidade’”. Se não há unidade, proximidade, advertiu o Papa, “podem-se criar ten-

CONTINUA NA PÁGINA 8

Apelo na mensagem para o dia mundial do doente

Investir no cuidado e na assistência

«O mandamento do amor, que Jesus deixou aos seus discípulos, encontra uma realização concreta também no relacionamento com os doentes», recordou o Papa Francisco na mensagem para o Dia mundial do doente, cujo tema é «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8). A relação de confiança na base do cuidado dos doentes», que será celebrado a 11 de fevereiro, memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes.

PÁGINA 6

Abrir às mulheres o ministério de Leitor e Acólito

O Papa Francisco abre às mulheres os ministérios instituídos do Leitor e do Acólito. Com a carta apostólica em forma de motu proprio Spiritus Domini – com a data de 10 de janeiro – é introduzida uma modificação ao cânone 230 § 1 do Código de direito canônico, com base na qual qualquer leigo, homem ou mulher, poderá agora aceder «estavelmente» e «mediante o rito litúrgico estabelecido», aos dois ministérios eclesiais. «A escolha de conferir também às mulheres estes ofícios, que requerem uma estabilidade, um reconhecimento público e o mandato por parte do bispo – escreve o Pontífice numa carta dirigida ao prefeito da Congregação para a doutrina da fé, cardeal Luis F. Ladaria – torna mais efetiva na Igreja a participação de todos na obra da evangelização».

PÁGINAS 4 E 5

Solenidade da Epifania

Aprender dos Reis magos a adorar

Com uma exortação a colocar-se «na escola dos Reis magos, para aprender algumas lições úteis» sobre o modo como continuar a «adorar o Senhor», o Papa Francisco frisou a atualidade da Epifania, celebrando na manhã de quinta-feira, 6 de janeiro, a missa da solenidade, durante a qual foi proclamado o anúncio do dia de Páscoa, que este ano será celebrado a 4 de abril.

Também no Angelus recitado ao meio-dia na Biblioteca do Palácio apostólico, o Papa falou da «manifestação do Senhor a todas as nações» frisando que «a salvação realizada por Cristo é para todos».

PÁGINAS 2 E 3

No Angelus o Papa falou sobre o significado da Epifania

A luz que dissipa as trevas da vida

«As trevas estão presentes e são ameaçadoras na vida de cada pessoa e na história da humanidade, mas a luz de Deus é mais poderosa», assegurou o Papa Francisco no Angelus da solenidade da Epifania, ao meio-dia de 6 de

janeiro. Publicamos a seguir a meditação pronunciada pelo Pontífice antes da recitação da prece mariana, ainda realizada sem a presença de fiéis, devido à Covid-19, na Biblioteca do Palácio apostólico do Vaticano.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia! Hoje celebramos a solenidade da Epifania, ou seja, a manifestação do Senhor a todos os povos: com efeito, a salvação realizada por Cristo não conhece fronteiras, é para todos. A Epifania não é outro mistério da Natividade, mas visto na sua dimensão de luz: luz que ilumina cada homem, luz

leza não seja aceite por todos. Aliás, alguns a rejeitam, como Herodes. Ele é a estrela que apareceu no horizonte, o Messias esperado, aquele através de quem Deus realiza o seu reino de amor, o seu reino de justiça, o seu reino de paz. Ele nasceu não só para alguns mas para todos os homens, para todos os povos. A luz é para todos os povos, a salvação é para todos os povos.

em frente nesta luz.

Invoquemos a proteção de Maria sobre a Igreja universal, para que possa difundir no mundo inteiro o Evangelho de Cristo, luz de todas as nações, luz de todos os povos!

No final do Angelus, o Pontífice lançou um apelo a favor da paz na República Centro-Africana e dirigiu uma mensagem de bons votos aos fiéis das Igrejas Orientais, católicas e ortodoxas, que celebram o Natal a 7 de janeiro. Depois, recordou o Dia mundial da infância missionária e saudou a Fundação polaca "Cortejo dos reis magos" que promove iniciativas de solidariedade no país.

Prezados irmãos e irmãs!

Acompanho com atenção e preocupação os acontecimentos na República Centro-Africana, onde recentemente se realizaram eleições, nas quais o povo manifestou o desejo de continuar no caminho da paz.



Portanto, convido todas as partes a um diálogo fraterno e respeitoso, a rejeitar o ódio e a evitar todas as formas de violência.

Dirijo-me com afeto aos irmãos e irmãs das Igrejas Orientais, católicas e ortodoxas, que, segundo a sua tradição, amanhã celebram o Natal do Senhor. A eles apresento os meus sinceros votos de um Santo Natal, na luz de Cristo,

nossa paz e esperança!

Na hodierna festa da Epifania celebramos o Dia Mundial da Infância Missionária, que envolve muitas crianças e jovens do mundo inteiro. Agradeço a cada um deles e encorajo-os a ser testemunhas alegres de Jesus, procurando levar sempre fraternidade entre os seus coetâneos.

Transmito a minha cordial saudação a todos vós que es-

tais sintonizados através dos meios de comunicação. Dirijo uma saudação especial à Fundação "Cortejo dos Reis Magos" que organiza eventos de evangelização e solidariedade em numerosas cidades e aldeias da Polónia e de outras nações.

Desejo boa festa a todos! Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



para ser acolhida na fé e luz para ser levada aos outros na caridade, no testemunho, no anúncio do Evangelho.

A visão de Isaías, narrada na Liturgia de hoje (cf. 60, 1-6), ressoa no nosso tempo atual como nunca: «A noite cobre a terra e a escuridão, os povos» (v. 2). Neste horizonte, o profeta anuncia a luz: a luz concedida por Deus a Jerusalém e destinada a iluminar o caminho de todos os povos. Esta luz tem o poder de atrair todos, próximos e distantes, e todos se põem a caminho para alcançar (cf. v. 3). Trata-se de uma visão que abre o coração, alarga o respiro e convida à esperança. Certamente, as trevas estão presentes e são ameaçadoras na vida de cada pessoa e na história da humanidade, mas a luz de Deus é mais poderosa. Trata-se de acolher, a fim de que possa resplandecer para todos. Mas podemos perguntar-nos: onde está esta luz? O profeta vislumbrou-a de longe, mas já era suficiente para encher o coração de Jerusalém de uma alegria irrefreável.

Onde se encontra esta luz? O evangelista Mateus, por sua vez, narrando o episódio dos Magos (cf. 2, 1-12), mostra que esta luz é o Menino de Belém, é Jesus, mesmo que a sua rea-

sumindo a sua realidade e dando o testemunho da nossa fé, cada um de nós. Só assim a luz de Cristo, que é Amor, pode resplandecer em quantos a acolherem, atraindo outros. A luz de Cristo não se propaga apenas por palavras, com métodos falsos, empresariais... Não, não! A fé, a palavra, o testemunho: assim se difunde a luz de Cristo. Cristo é a estrela, mas também nós podemos e devemos ser a estrela para os nossos irmãos e irmãs, como testemunhas dos tesouros de bondade e de infinita misericórdia que o Redentor oferece gratuitamente a todos. A luz de Cristo não se propaga por proselitismo, mas por testemunho, pela confissão da fé. Até pelo martírio!

Portanto, a condição é acolher em nós esta luz, acolhê-la cada vez mais. Ai de nós se pensarmos que a possuímos, ai de nós se pensarmos que só devemos "geri-la"! Também nós, como os Magos, somos chamados a deixar-nos sempre fascinar, atrair, guiar, iluminar e converter por Cristo: é o caminho da fé, através da oração e da contemplação das obras de Deus, que nos enche continuamente de alegria e de admiração, uma admiração sempre nova. A admiração é sempre o primeiro passo para ir

Dia da infância missionária Crianças e jovens do mundo inteiro testemunhas entre os seus coetâneos

Celebrado principalmente através dos meios de comunicação social, devido à Covid-19 que realmente torna impossível o encontro de muitas pessoas, o Dia da infância missionária a 6 de janeiro teve o *testemunho* como tema comum no mundo inteiro.

As crianças e os jovens que aderem a esta obra pontifícia — explica a secretária-geral, irmã Roberta Tremarelli, no site www.ppoomm.va — «ao longo do ano estão atentos a manter um coração aberto ao amor de Deus e às necessidades dos outros». Mas é particularmente na solenidade da Epifania que eles

«têm a oportunidade de partilhar o seu compromisso na oração e na oferta». E uma vez que «devido à pandemia muitos Dias da infância missionária» não foram «celebrados a nível nacional com um encontro de todas as crianças e jovens, mas a nível paroquial e de grupo, a possibilidade de utilizar os meios de comunicação social» ofereceu «a oportunidade de ampliar a participação: por isso posso dizer — afirma a religiosa das servas missionárias do Santíssimo Sacramento — que apesar da dificuldade deste tempo temos a oportunidade de encontrar mais pessoas», embora ape-

nas virtualmente. A este respeito, a secretária-geral cita um encontro digital na plataforma Zoom com crianças, jovens, animadores e diretores diocesanos, durante o qual um dos participantes perguntou: «Já rezamos todos os dias pelas crianças do mundo, de acordo com o carisma, mas como podemos realizar hoje a oferta de sacrifícios e a recolha material?». A sua preocupação era angariar e oferecer a contribuição pessoal, por menor que fosse, para ajudar as crianças do mundo. «Isto impressionou-me muito, confidenciou a irmã Tremarelli, porque demonstra que nestas crianças e jovens há realmente uma preocupação pelos outros coetâneos». Em suma, «envolver-se na Obra da infância e da adolescência missionária ajuda a abrir o coração e a ter os horizontes infinitos que Jesus indicou».

Protagonistas da evangelização em casa, na escola e nos ambientes que frequentam com os seus coetâneos, os pequenos discípulos missionários, graças à sua sensibilidade, envolvem necessariamente também as suas famílias. «Portanto, o primeiro lugar onde as crianças são testemunhas é precisamente a família», comenta a irmã Tremarelli, relançando o tema deste ano. «É um testemunho recíproco: os pais testemunham às crianças a sua fé e, ao mesmo tempo, as crianças e os jovens testemunham aos pais o seu compromisso de pensar nos outros, que vão para além da própria família, do seu bairro, do seu país». Afinal, conclui a secretária-geral, «Sede minhas testemunhas» é o convite que Jesus dirige a cada batizado, independentemente da sua idade».



Epifania do Senhor - Presidida pelo Papa Francisco na basílica de São Pedro

Na escola dos Magos para aprender a adorar

Na manhã de 6 de janeiro, no altar da Cátedra da basílica de São Pedro, o Papa presidiu à missa na solenidade da Epifania do Senhor. Antes da celebração, foi recitado o rosário. Estavam presentes vinte cardeais e, no momento da prece eucarística, aproximaram-se do altar o decano Giovanni Battista Re e o vice-decano Leonardo Sandri. Após a leitura do Evangelho, foi proclamado o anúncio do dia da Páscoa, que este ano será celebrado a 4 de abril. Na

oração dos fiéis foram recordadas «as Igrejas jovens e antigas», para que «cresçam juntas e se ajudem como Igrejas irmãs, no esforço comum de suscitar novos discípulos do Evangelho». Orou-se também «pelos pastores do povo de Deus e pelos seus colaboradores: à imitação da Virgem Mãe, que aos próximos e distantes anuncie Cristo, verdadeira luz do mundo». E a fim de que «os missionários, partilhando a labuta, as dores e as esperanças das pes-

soas às quais forem enviados, possam ser testemunhas claras da misericórdia do Pai». Foram elevadas intenções pelos «homens de cultura e de ciência para que, como os Magos, saibam reconhecer os sinais de Deus na criação e se abram ao dom de toda a verdade». A celebração terminou com o canto da antífona «Alma Redemptoris Mater»: o Papa acariçou a imagem mariana e em seguida fez o sinal da cruz. No final foi entoado um hino de Natal.

O evangelista Mateus assinala que os Magos, quando chegaram a Belém, «viram o Menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no» (Mt 2, 11). Adorar o Senhor não é fácil, não é um dado imediato: requer uma certa maturidade espiritual, sendo o ponto de chegada de um caminho interior, por vezes longo. Não é espontânea em nós a atitude de adorar a Deus. É verdade que o ser humano precisa de adorar, mas corre o risco de errar o alvo; com efeito, se não adorar a Deus, adorará ídolos – não há meio-termo, ou Deus ou os ídolos; para usar a frase de um escritor francês: «Quem não adora a Deus, adora o diabo» – e, em vez de ser crente, tornar-se-á idólatra. É assim, ou uma coisa ou outra.

Neste nosso tempo, há particular necessidade de dedicarmos, tanto individualmente como em comunidade, mais tempo à adoração, aprendendo cada vez melhor a contemplar o Senhor. Perdeu-se um pouco o sentido da oração de adoração; devemos recuperá-lo, tanto comunitariamente como na própria vida espiritual. Por isso, hoje, queremos aprender com os Magos algumas lições úteis: como eles, queremos prostrar-nos e adorar o Senhor. Adorá-lo seriamente, não como disse Herodes: «Fazei-me saber onde é o lugar, para eu ir adorá-lo». Não! Esta adoração

não era justa. Adorá-lo a sério!

Das leituras desta Eucaristia, recolhemos três expressões que podem ajudar-nos a entender melhor o que significa ser adorador do Senhor; ei-las: «levantar os olhos», «pôr-se a caminho» e «ver». Estas três expressões ajudar-nos-ão a entender o que significa ser adoradores do Senhor.

A primeira expressão – *levantar os olhos* – encontramos-la em Isaías. À comunidade de Jerusalém, pouco antes regressada do exílio e agora caída em desânimo por causa de dificuldades sem fim, o profeta dirige-lhe este forte convite: «Levanta os olhos e vê» (Is 60, 4). Convida-a a deixar de lado cansaço e lamentos, sair das estreitezas de uma visão limitada, libertar-se da ditadura do próprio eu, sempre propenso a fechar-se em si mesmo e nas preocupações particulares. Para adorar o Senhor, é preciso antes de mais nada «levantar os olhos», ou seja, não se deixar enredar pelos fantasmas interiores que apagam a esperança, nem fazer dos problemas e dificuldades o centro da própria existência. Isto não significa negar a realidade, fingindo-se ou iludindo-se que tudo corre bem, não, mas olhar de modo novo os problemas e as angústias, sabendo que o Senhor conhece as nossas situações difíceis, escuta atentamente as nossas súplicas e não

fica indiferente às lágrimas que derramamos.

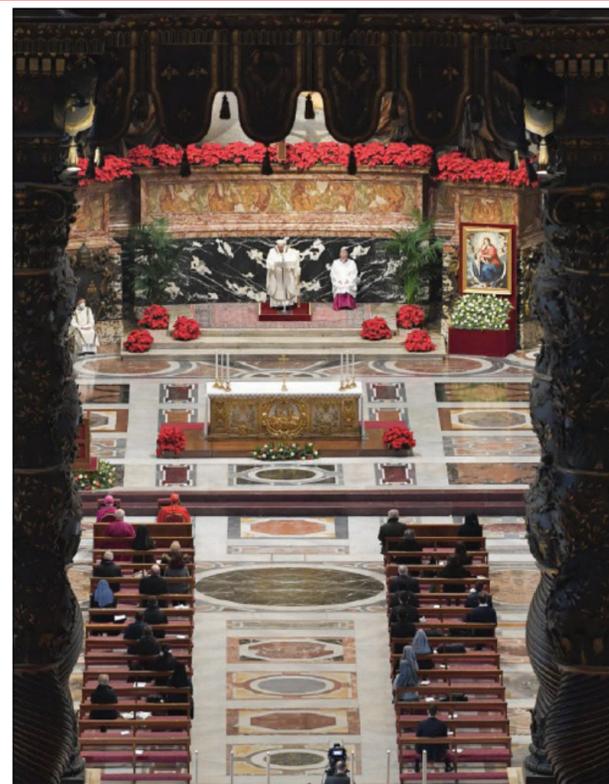
Este olhar que, apesar das vicissitudes da vida, permanece confiante no Senhor, gera a gratidão filial. E, quando isto acontece, o coração abre-se à adoração. Pelo contrário, quando fixamos a atenção exclusivamente nos problemas, recusando-nos a levantar os olhos para Deus, o medo invade o coração e desorienta-o, gerando irritação, perplexidade, angústia, depressão. Nestas condições, é difícil adorar ao Senhor. Se isto acontecer, é preciso ter a coragem de romper o círculo das nossas conclusões precipitadas, sabendo que a realidade é maior do que os nossos pensamentos. *Levanta os olhos e vê*: o Senhor convida-nos, em primeiro lugar, a ter confiança n'Ele, porque cuida realmente de todos. Ora, se Deus veste tão bem a erva no campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais não fará Ele por nós? (cf. Lc 12, 28). Se levantarmos o olhar para o Senhor e considerarmos a realidade à sua luz, descobrimos que Ele nunca nos abandona: o Verbo fez-se carne (cf. Jo 1, 14) e permanece conosco sempre todos os dias (cf. Mt 28, 20). Sempre!

Quando levantamos os olhos para Deus, os problemas da vida não desaparecem, mas sentimos que o Senhor nos dá a força necessária para enfren-

tar-los. Assim, «levantar os olhos» é o primeiro passo que predispõe para a adoração. Trata-se da adoração do discípulo que descobriu, em Deus, uma alegria nova, uma alegria diferente. A alegria do mundo está fundada na posse dos bens, no sucesso ou noutras coisas semelhantes, mas sempre com o «eu» no centro, ao passo que a alegria do discípulo de Cristo tem o seu fundamento na fidelidade de Deus, cujas promessas nunca falham, apesar das situações de crise em que possamos chegar a encontrar-nos. Então a gratidão filial e a alegria suscitam o desejo de adorar o Senhor, que é fiel e nunca nos deixa sozinhos.

A segunda expressão, que nos pode ajudar, é *pôr-se a caminho*. Levantar os olhos era a primeira; a segunda: *pôr-se a caminho*. Antes de poder adorar o Menino nascido em Belém, os Magos tiveram que enfrentar uma longa viagem. Lê-se em Mateus: «Chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente. E perguntaram: «Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt 2, 1-2). A viagem implica sempre uma transformação, uma mudança. A pessoa, depois de uma viagem, já não fica como antes; há sempre algo de novo em quem viajou: os seus conhecimentos alargaram-se, viu pessoas e coisas novas, sentiu fortalecer-se a vontade ao enfrentar as dificuldades e os riscos do trajeto. Não se chega a adorar o Senhor sem antes passar pelo amadurecimento interior que nos dá o *pôr-se a caminho*.

É através de um caminho gradual que nos tornamos adoradores do Senhor. Por exemplo, a experiência ensina que a pessoa, aos cinquenta anos, vive a adoração com um espírito diferente de quando tinha trinta. Quem se deixa moldar pela graça, costuma melhorar com o passar do tempo: enquanto o homem exterior envelhece, diz São Paulo, o homem interior renova-se dia após dia (cf. 2 Cor 4, 16), predispondo-se cada vez melhor a adorar o Senhor. Deste ponto de vista, os falimentos, as crises, os erros podem tornar-se experiências instrutivas: não é raro servirem para nos tornar conscientes de que só o Senhor é digno de ser adorado, porque só Ele satisfaz o desejo de vida e eternidade presente no íntimo de cada pessoa. Além disso, com o passar do tempo, as provas e ad-



versidades da existência – vividas na fé – contribuem para purificar o coração, torná-lo mais humilde e, conseqüentemente, mais disponível para se abrir a Deus. Inclusive os pecados, até a consciência de ser pecador, de ter feito coisas muito feias. «Mas eu fiz isto... aquilo...»: se tu o consideras com fé, com arrependimento, com contrição, ajudar-te-á a crescer. Tudo, tudo colabora – diz Paulo – para o crescimento espiritual, para o encontro com Jesus, inclusive os pecados, também os pecados. E S. Tomás acrescenta: «*Etiam mortalia*», mesmo os pecados mortais, os piores. Mas se tu o consideras com arrependimento, ajudar-te-á nesta viagem rumo ao encontro com o Senhor e a adorá-lo melhor.

Como os Magos, também nós devemos deixar-nos instruir pelo caminho da vida, marcado pelas dificuldades inevitáveis da viagem. Não deixemos que o cansaço, as quedas e os fracassos nos precipitem no desânimo; antes, pelo contrário, reconhecendo-os com humildade, devemos fazer deles ocasião de progredir para o Senhor Jesus. A vida não é uma demonstração de habilidades, mas uma viagem rumo àquele que nos ama. Não precisamos de exibir a cada passo da vida a lista das virtudes que temos; mas, com humildade, devemos caminhar para o Senhor. Olhando para o Senhor, encontraremos a força para continuar com renovada alegria.

E chegamos à terceira expressão: *ver*. Levantar os olhos, *pôr-se a caminho*, *ver*. Como se lê no Evangelho, «entrando em casa, [os Magos] viram o Menino com Maria, sua Mãe. Prostrando-se, adoraram-no» (Mt 2, 11). A adoração era o ato de homenagem reservado aos soberanos, aos grandes dignitários. Com efeito, os Magos adoraram aquele que sabiam ser o Rei dos judeus (cf. Mt 2, 2). Mas, na realidade, que viram eles? Viram um menino pobre com a sua mãe. E contudo estes sábios, vindos de países distantes, souberam transcender aquela cena tão humilde e quase deprimente, reconhecendo naquele Menino a presença de um soberano. Por

outras palavras, foram capazes de «ver» para além das aparências. Prostrando-se diante do Menino nascido em Belém, exprimiram uma adoração era primariamente interior: a abertura dos espinhos trazidos de prenda foi sinal da oferta dos seus corações.

Para adorar o Senhor, é preciso «ver» para além do véu do visível, pois este muitas vezes mostra-se enganador. Herodes e os notáveis de Jerusalém representam a mundanidade, perenemente escrava da aparência. Olham, mas não conseguem ver – já não digo que não acreditam; seria demais – não conseguem ver, porque a sua capacidade é escrava da aparência e à procura de atrativos: dá valor apenas às coisas sensacionais, aquilo que chama a atenção do vulgo. Entretanto, nos Magos, vemos um comportamento diferente, que poderíamos definir *realismo teológico* – uma palavra demasiado «alta», mas pode-se dizer assim – um realismo teológico: este percebe com objetividade a realidade das coisas, chegando enfim a compreender que Deus evita toda a ostentação. O Senhor encontra-se na humildade; o Senhor é como uma criança humilde, evita a ostentação, que é o resultado precisamente da mundanidade. Esta forma de «ver» que transcende o visível, faz-nos adorar o Senhor muitas vezes escondido em situações simples, em pessoas humildes e marginais.

Trata-se, pois, de um olhar que, não se deixando encandear pelos fogos de artifício do exibicionismo, procura em cada ocasião aquilo que não passa, procura o Senhor. Por isso, como escreve o apóstolo Paulo, «não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas» (2 Cor 4, 18).

Que o Senhor Jesus nos torne seus verdadeiros adoradores, capazes de manifestar com a vida o seu desígnio de amor, que abraça a humanidade inteira. Peçamos, para cada um de nós e para toda a Igreja, a graça de aprender a adorar, de continuar a adorar, de exercitar frequentemente esta oração de adoração, porque só a Deus se deve adorar!

Intenção de oração para o mês de janeiro Ao serviço da fraternidade

O compromisso da Rede mundial de oração do Papa para o ano de 2021 começa sob o sinal da fraternidade. A intenção confiada pelo Pontífice para o mês de janeiro é precisamente «Ao serviço da fraternidade».

No vídeo, publicado a 5 de janeiro, são exibidas imagens de pessoas pertencentes às grandes religiões monoteístas. Uma cristã, uma muçulmana e um judeu são filmados durante um momento de oração. Cada um com as suas modalidades características: a muçulmana voltada para a Meca, ajoelhada num pequeno tapete; a cristã com as mãos postas e um rosário, com o olhar fixo na imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; e o judeu em pé, com um texto sagrado nas mãos, usando o tradicional talit e o quipá na cabeça.

«Rezando a Deus, seguindo Jesus», diz o Papa, «unimo-nos como irmãos àqueles que oram seguindo outras culturas, outras tradições e outras crenças. Somos irmãos que rezam». E prossegue, enfatizando que «a fraternidade nos leva a abrir-nos ao Pai de todos e a ver no outro um irmão, uma irmã, com quem partilhar a vida ou ajudar-se reciprocamente, para amar, para

conhecer». Salienta também que «a Igreja valoriza a ação de Deus noutras religiões, sem esquecer que para nós, cristãos, a fonte da dignidade humana e da fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo». E exorta: «Nós, crentes, devemos voltar às nossas fontes e concentrar-nos no que é essencial. O essencial da nossa fé é a adoração a Deus e o amor ao próximo».

Os três protagonistas do vídeo comunicam-se entre si, enviando mensagens através dos telemóveis. E trabalham juntos ao serviço dos irmãos na caridade. Com efeito, são filmados durante a realização de um refectório para os pobres e a distribuição das refeições. O Papa conclui, convidando a rezar para que o Senhor «nos dê a graça de viver em plena fraternidade com os irmãos e as irmãs de outras religiões, sem disputas, rezando uns pelos outros, abertos a todos».

O vídeo – distribuído, como habitualmente, através do site www.thepopevideo.org e traduzido em nove línguas – foi criado e produzido pela Rede mundial de oração do Papa, em colaboração com a agência La Machi e o Dicasterio para a comunicação.

Com uma carta aposólica em forma de motu proprio o Papa abre às mulheres os ministérios

O texto do documento

«Spiritus Domini»



CARTA APOSTÓLICA
SPIRITUS DOMINI
EM FORMA
DE «MOTU PROPRIO»

Sobre a modificação do cân. 230 § 1 do *Código de Direito Canônico* acerca do acesso das pessoas do sexo feminino ao ministério instituído do Leitorado e do Acolitado

Espírito do Senhor Jesus, fonte perene da vida e missão da Igreja, distribui aos membros do Povo de Deus os dons que permitem a cada um, de modo diverso, contribuir para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho. Estes carismas, chamados ministérios, uma vez que são publicamente reconhecidos e instituídos pela Igreja, são postos à disposição da comunidade e da sua missão de forma estável.

Em certos casos, esta contribuição ministerial tem a sua origem num sacramento específico, a Ordem sagrada. Outras tarefas, ao longo da história, foram instituídas na Igreja e confiadas mediante um rito

litúrgico não sacramental a fiéis individuais, em virtude de uma peculiar forma de exercício do sacerdócio batismal, e em benefício do ministério específico de bispos, presbíteros e diáconos.

Seguindo uma tradição venerável, a receção dos “ministérios laicais”, que São Paulo VI regulamentou no Motu Proprio *Ministeria quaedam* (17 de agosto de 1972), precedia em forma de preparação a receção do Sacramento da Ordem, embora tais ministérios fossem conferidos a outros fiéis idôneos de sexo masculino.

Algumas Assembleias do Sínodo dos Bispos realçaram a necessidade de aprofundar doutrinalmente este tema, de modo a responder à natureza dos mencionados carismas e às exigências dos tempos, oferecendo um apoio oportuno ao papel de evangelização que cabe à comunidade eclesial.

Aceitando estas recomendações, nestes últimos anos alcançou-se um desenvolvimento doutrinal que evidenciou como determinados ministérios instituídos pela Igreja têm como fundamento a condição comum de batizado e o sacerdócio real recebido no Sacramento do Batismo; eles são essencialmente distintos do ministério ordenado, recebido com o Sacramento da Ordem. Com efeito, também uma prática consolidada na Igreja latina confirmou que tais ministérios laicais, baseando-se no Sacramento do Batismo, podem ser confiados a todos os fiéis que forem idó-

neos, de sexo masculino ou feminino, de acordo com quanto já é implicitamente previsto pelo cânone 230 § 2.

Por conseguinte, depois de ter ouvido o parecer dos Dicasterios competentes, decidi prover à modificação do cânone 230 § 1 do *Código de Direito Canônico*. Portanto, disponho que no futuro o cânone 230 § 1 do *Código de Direito Canônico* seja assim redigido:

«Os leigos que tiverem a idade e as aptidões determinadas com decreto pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, nos ministérios de leitores e de acolitados; no entanto, tal concessão não lhes atribui o direito ao sustento ou à remuneração por parte da Igreja».

Disponho do mesmo modo a modificação das outras disposições, corroboradas pela lei, que se referem a este cânone.

Quanto deliberado por esta Carta apostólica sob forma de Motu Proprio, ordeno que tenha vigor firme e estável, não obstante qualquer disposição contrária, mesmo que seja digna de menção especial, e que seja promulgado através da publicação em *L'Osservatore Romano*, entrando em vigor no mesmo dia, e em seguida publicado no comentário oficial das *Acta Apostolicae Sedis*.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 10 de janeiro do ano de 2021, Festa do Batismo do Senhor, nono do meu pontificado.

Franciscus



Carta ao prefeito para a doutrina

AO VENERÁVEL IRMÃO CARDEAL LUIS F. LADARIA, S.J., PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

O Espírito Santo, a relação de amor entre o Pai e o Filho, edifica e alimenta a comunhão de todo o Povo de Deus, suscitando nele muitos dons e carismas diferentes (cf. Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 117). Através dos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, os membros do Corpo de Cristo recebem do Espírito do Ressuscitado, em diferentes graus e com diferentes expressões, aqueles dons que lhes permitem dar o contributo necessário para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho a todas as criaturas.

O Apóstolo Paulo distingue a este respeito entre dons de graça-carismas (“charismata”) e serviços (“diakoniai”) – “ministeria” [cf. *Rm* 12, 4 ss. e *1 Cor* 12, 12 ss.]. De acordo com a tradição da Igreja, são chamados ministérios as diferentes formas que os carismas assumem quando são reconhecidos publicamente e são postos à disposição da comunidade e à sua missão de forma estável.

Em alguns casos o ministério tem a sua origem num sacramento específico, a Ordem Sagrada: estes são os ministérios “ordenados” do bispo, presbítero e diácono. Noutros casos, o ministério é confiado, por acto litúrgico do bispo, a uma pessoa que tenha recebido o Batismo e a Confirmação e em quem são reconhecidos

carismas específicos, após um adequado caminho de preparação: falamos então de ministérios “instituídos”. Muitos outros serviços ou cargos eclesiais são exercidos de facto por muitos membros da comunidade, para o bem da Igreja, muitas vezes por um longo período e com grande eficácia, sem que seja previsto um rito particular para conferir o cargo.

Ao longo da história, com a mudança das situações eclesiais, sociais e culturais, o exercício dos ministérios na Igreja Católica assumiu diferentes formas, enquanto a distinção, não só de grau, entre ministérios “instituídos” (ou “laicais”) e ministérios “ordenados” permaneceu intacta. As primeiras são expressões particulares da condição sacerdotal e real própria de cada batizado (cf. *1 Pd* 2, 9); as últimas são próprias de alguns dos membros do Povo de Deus que, como bispos e sacerdotes, «recebem a missão e a faculdade de agir na pessoa de Cristo Cabeça» ou, como diáconos, «estão habilitados a servir o Povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade» (Bento XVI, Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Omnium in mentem*, 26 de outubro de 2009). Expressões como o *sacerdócio batismal* e o *sacerdócio ordenado* (ou *ministerial*) são também utilizadas para indicar esta distinção. É bom em qualquer caso reiterar, com a constituição dogmática *Lumen gentium* do Concílio Vaticano II, que eles «estão ordenados uns aos outros; cada um, à sua maneira, participa no único sacerdócio de



os instituídos de Leitor e Acólito



da Congregação Doutina da fé

Cristo» (LG, n. 10). A vida eclesial nutre-se desta referência recíproca e é alimentada pela tensão frutuosa destes dois pólos do sacerdócio, ministerial e batismal, mesmo se na sua distinção estão enraizados no único sacerdócio de Cristo.

Em consonância com o Concílio Vaticano II, o Sumo Pontífice São Paulo VI quis rever a prática dos ministérios não ordenados na Igreja Latina – até então chamados “ordens menores” – adaptando-a às exigências dos tempos. Esta adaptação, contudo, não deve ser interpretada como uma superação da doutrina anterior, mas como uma implementação do dinamismo que caracteriza a natureza da Igreja, sempre chamada com a ajuda do Espírito de Verdade a responder aos desafios de cada época, em obediência à Revelação. A Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Ministeria quaedam* (15 de agosto de 1972) configura dois ofícios (tarefas), o do Leitor e o do Acólito, o primeiro estritamente ligado ao ministério da Palavra, o segundo ao ministério do Altar, sem excluir que outros “ofícios” possam ser instituídos pela Santa Sé a pedido das Conferências Episcopais.

Além disso, a variação nas formas de exercício dos ministérios não ordenados não é a simples consequência, a nível sociológico, do desejo de adaptação às sensibilidades ou culturas dos tempos e dos lugares, mas é determinada pela necessidade de permitir a cada Igreja local/particular, em comunhão com todas as outras e tendo como centro de unidade a

Igreja que está em Roma, viver a ação litúrgica, o serviço aos pobres e o anúncio do Evangelho em fidelidade ao mandato do Senhor Jesus Cristo. É tarefa dos Pastores da Igreja reconhecer os dons de cada batizado, orientá-los também para ministérios específicos, promovê-los e coordená-los, a fim de que possam contribuir para o bem da comunidade e para a missão confiada a todos os discípulos.

O compromisso dos fiéis leigos, que «são simplesmente a imensa maioria do povo de Deus» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 102), certamente não pode e não deve esgotar-se no exercício dos ministérios não ordenados (cf. *ibidem*), mas uma melhor configuração destes ministérios e uma referência mais precisa à responsabilidade que nasce, para cada cristão, do Batismo e da Confirmação, pode ajudar a Igreja a redescobrir o sentido de comunhão que a caracteriza e a iniciar um renovado compromisso na catequese e na celebração da fé (cf. *ibidem*). E é precisamente nesta redescoberta que a sinergia frutuosa resultante da ordenação mútua do sacerdócio ordenado e do sacerdócio batismal pode encontrar uma melhor tradução. Esta reciprocidade, do serviço ao sacramento do altar, é chamada a refluir, na distinção das tarefas, para aquele serviço de «fazer de Cristo o coração do mundo», que é a missão particular de toda a Igreja. É precisamente este, embora distinto, serviço ao mundo que alarga os horizontes da missão da Igreja, im-

pedindo-a de ser encerrada em lógicas estéreis destinadas sobretudo a reivindicar espaços de poder, e ajudando-a a experimentar-se como uma comunidade espiritual que «caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo» (GS, n. 40). É nesta dinâmica que podemos verdadeiramente compreender o significado da “Igreja em saída”.

No horizonte de renovação traçado pelo Concílio Vaticano II, existe hoje um crescente sentido de urgência em redescobrir a corresponsabilidade de todos os batizados na Igreja, e especialmente a missão dos leigos. A Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica (6-27 de outubro de 2019), no quinto capítulo do documento final assinalou a necessidade de pensar em “novos caminhos para a ministerialidade eclesial”. Não só para a Igreja Amazônica, mas para toda a Igreja, na variedade de situações, «é urgente promover e conferir ministérios a homens e mulheres... É a Igreja dos batizados que devemos consolidar promovendo a ministerialidade e, sobretudo, uma consciência da dignidade batismal» (*Documento Final*, n. 95).

A este respeito, sabe-se que o Motu Proprio *Ministeria quaedam* reserva a instituição do Ministério do Leitor e do Acólito apenas aos homens, e por conseguinte assim estabelece o cânon 230 § 1 do *Código de Direito Canónico*. Contudo, em tempos recentes e em muitos contextos eclesiais, tem sido salientado que a libertação de tal reserva poderia contribuir para uma maior manifestação da comum dignidade batismal dos membros do Povo de Deus. Já por ocasião da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja* (5-26 de outubro de 2008), os Padres sinodais expressaram a esperança «de que o ministério do Leitor seja aberto também às mulheres» (cf. 17); e na Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), Bento XVI especificou que o exercício do *munus* do Leitor na celebração litúrgica, e de forma particular o ministério do Leitor enquanto tal, no rito latino é um ministério laical (cf. n. 58).

Durante séculos, a “venerável tradição da Igreja” considerou as chamadas “ordens menores” – incluindo a do Leitor e a do Acólito – como etapas de um percurso que deveria conduzir às “ordens maiores” (Subdiaconado, Diaconado, Presbiterado). Uma vez que o Sacramento das Ordens estava reservado apenas aos homens, isto também se aplicava às ordens menores.

Uma distinção mais clara entre as atribuições dos que hoje são chamados “ministérios não ordenados (ou laicais)” e “ministérios ordenados” torna possível dissolver a reserva dos primeiros apenas aos homens. Se em relação aos ministérios ordenados a Igreja «não tem de modo algum a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres» (cf. S. João Paulo II, Carta Apostólica *Ordina-*

tio sacerdotalis, 22 de maio de 1994), para ministérios não ordenados é possível, e hoje parece oportuno, superar esta reserva. Esta reserva fazia sentido num contexto particular, mas pode ser reconsiderada em novos contextos, tendo sempre como critério a fidelidade ao mandato de Cristo e o desejo de viver e proclamar o Evangelho transmitido pelos Apóstolos e confiado à Igreja para que possa ser escutado de forma religiosa, guardado de forma santa e fielmente anunciado.

Não sem razão, São Paulo VI refere-se a uma tradição *venerabilis*, não a uma tradição *veneranda*, no sentido estrito (ou seja, uma tradição que “deve” ser observada): pode ser reconhecida como válida, e durante muito tempo o foi; não é, no entanto, vinculativa, uma vez que a reserva apenas aos homens não pertence à natureza própria dos ministérios do Leitor e do Acólito. Oferecer aos leigos de ambos os sexos a possibilidade de acesso aos ministérios do Acólito e do Leitor, em virtude da sua participação no sacerdócio batismal, aumentará o reconhecimento, também através de um acto litúrgico (instituição), da preciosa contribuição que durante muito tempo muitos leigos, incluindo mulheres, oferecem à vida e missão da Igreja.

Por estas razões, considerei oportuno estabelecer que possam ser instituídos como Leitores ou Acólitos não só homens mas também mulheres, nos quais e nas quais, através do discernimento dos pastores e após adequada preparação, a Igreja reconhece «a

Exortação Apostólica *Querida Amazonia*, n. 103). O “sacerdócio batismal” e o “serviço à comunidade” representam assim os dois pilares sobre os quais se baseia a instituição dos ministérios.

Desta forma, além de responder ao que é pedido para a missão no tempo presente e de acolher o testemunho dado por tantas mulheres que cuidaram e continuam a cuidar do serviço da Palavra e do Altar, tornar-se-á mais evidente – também para aqueles que se orientam para o ministério ordenado – que os ministérios do Leitor e do Acólito estão enraizados no sacramento do Batismo e da Confirmação. Deste modo, no caminho que conduz à ordenação diaconal e sacerdotal, aqueles que são instituídos Leitores e Acólitos compreenderão melhor que participam num ministério partilhado com outros batizados, homens e mulheres. Deste modo, o sacerdócio próprio de cada fiel (*communis sacerdotio*) e o sacerdócio dos ministros ordenados (*sacerdotium ministeriale seu hierarquicum*) serão ordenados ainda mais claramente uns para os outros (cf. LG, n. 10), para a edificação da Igreja e para o testemunho do Evangelho.

Será tarefa das Conferências Episcopais estabelecer critérios adequados para o discernimento e preparação dos candidatos e das candidatas para os ministérios do Leitor ou do Acólito, ou outros ministérios que considerarem instituídos, de acordo com o que já está disposto no Motu Proprio *Ministeria quaedam*, com a aprovação prévia da Santa Sé e de acordo com as necessidades de evan-



gelização no seu território. A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos providenciará a implementação da reforma acima referida, alterando a *Editio typica* do *Pontificale romanum* ou “*De Institutione Lectorum et Acolythorum*”.

Ao renovar-lhe a certeza das minhas orações, concedo cordialmente a Bênção Apostólica a Vossa Eminência, incluindo de bom grado todos os Membros e Colaboradores da Congregação para a Doutrina da Fé.

gelização no seu território.

Ao renovar-lhe a certeza das minhas orações, concedo cordialmente a Bênção Apostólica a Vossa Eminência, incluindo de bom grado todos os Membros e Colaboradores da Congregação para a Doutrina da Fé.

Ao renovar-lhe a certeza das minhas orações, concedo cordialmente a Bênção Apostólica a Vossa Eminência, incluindo de bom grado todos os Membros e Colaboradores da Congregação para a Doutrina da Fé.

Vaticano, 10 de janeiro de 2021,
Festa do Batismo do Senhor.

FRANCISCO

Apelo do Santo Padre Francisco na mensagem para o XXIX dia mundial do doente

É necessário investir recursos no cuidado e na assistência

«O mandamento do amor, que Jesus deixou aos seus discípulos, encontra uma realização concreta também no relacionamento com os doentes», recordou o Papa Francisco na mensagem para o XXIX Dia mundial do doente que será celebrado a 11 de fevereiro, memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes. Publicamos a seguir a mensagem pontificia.



«Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8).
A relação de confiança na base do cuidado dos doentes

Queridos irmãos e irmãs!

A celebração do XXIX Dia Mundial do Doente que tem lugar a 11 de fevereiro de 2021, memória de Nossa Senhora de Lourdes, é momento propício para prestar uma atenção especial às pessoas doentes e a quantos as assistem quer nos centros sanitários quer no seio das famílias e comunidades. Penso de modo particular nas pessoas que sofrem em todo o mundo os efeitos da pandemia do coronavírus. A todos, especialmente aos mais pobres e marginalizados, expresso a minha proximidade espiritual, assegurando a solicitude e o afeto da Igreja.

1. O tema deste Dia inspira-se no trecho evangélico em que Jesus critica a hipocrisia de quantos dizem mas não fazem (cf. Mt 23, 1-12). Quando a fé fica reduzida a exercícios verbais estéreis, sem se envolver na história e nas necessidades do outro, então falha a coerência entre o credo professado e a vida real. O risco é grave; Jesus, para acautelar do perigo de derrapagem na idolatria de si mesmo, usa expressões fortes e afirma: «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (23, 8).

Esta crítica feita por Jesus àqueles que «dizem e não fazem» (23, 3) é sempre salutar para todos, pois ninguém está imune do mal da hipocrisia, um mal muito grave, cujo efeito é impedir-nos de desabrochar como filhos do único Pai, chamados a viver uma fraternidade universal.

Como reação à necessidade em que versa o irmão e a irmã, Jesus apresenta um modelo de comportamento totalmente oposto à hipocrisia: propõe deter-se, escutar, estabelecer uma relação direta e pessoal, sentir empatia e enternecimento, deixar-se comover pelo seu sofrimento até lhe valer e servir (cf. Lc 10, 30-35).

2. A experiência da doença faz-nos sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade natural do outro. Torna ainda mais nítida a nossa condição de criaturas, experimentando de maneira evidente a nossa dependência de Deus. De facto, quando estamos doentes, a incerteza, o temor e, por vezes, o pavor impregnam a mente e o coração; encontramos numa situação de impotência, porque a saúde não depende das nos-

sas capacidades nem do nosso afã (cf. Mt 6, 27).

A doença obriga a questionar-se sobre o sentido da vida; uma pergunta que, na fé, se dirige a Deus. Nela, procura-se um significado novo e uma direção nova para a existência e, por vezes, pode não encontrar imediatamente uma resposta. Os próprios amigos e familiares nem sempre são capazes de nos ajudar nesta busca afanosa.

Emblemática a este respeito é a figura bíblica de Job. A esposa e os amigos não conseguem acompanhá-lo na sua desventura; antes, acusam-no aumentando nele solidão e desorientamento. Job cai num estado de abandono e confusão. Mas é precisamente através desta fragilidade extrema, rejeitando toda a hipocrisia e escolhendo o caminho da sinceridade para com Deus e os outros, que faz chegar o seu grito instantâneo a Deus, que acaba por responder abrindo-lhe um novo horizonte: confirma que o seu sofrimento não é uma punição nem um castigo, tal como não é distanciamento de Deus nem sinal de indiferença d'Ele. E assim, do coração ferido e recuperado de Job, brota aquela vibrante e comovente declaração ao Senhor: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de

ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos» (Job 42, 5).

3. A doença tem sempre um rosto, e até mais do que um: o rosto de todas as pessoas doentes, mesmo daquelas que se sentem ignoradas, excluídas, vítimas de injustiças sociais que lhes negam direitos essenciais (cf. Enc. *Fratelli tutti*, 22). A atual pandemia colocou em evidência tantas insuficiências dos sistemas sanitários e carências na assistência às pessoas doentes. Viu-se que, aos idosos, aos mais frágeis e vulneráveis, nem sempre é garantido o acesso aos cuidados médicos, ou não o é sempre de forma equitativa. Isto depende das opções políticas, do modo de administrar os recursos e do empenho de quantos revestem funções de responsabilidade. O investimento de recursos nos cuidados e assistência das pessoas doentes é uma prioridade ditada pelo princípio de que a saúde é um bem comum primário. Ao mesmo tempo, a pandemia destacou também a dedicação e generosidade de profissionais de saúde, voluntários, trabalhadores e trabalhadoras, sacerdotes, religiosos e religiosas: com profissionalismo, abnegação, sentido de responsabilidade e amor ao próximo, ajudaram, trataram, confortaram e

serviram tantos doentes e os seus familiares. Uma série silenciosa de homens e mulheres que optaram por fixar aqueles rostos, ocupando-se das feridas de pacientes que sentiam como próximo em virtude da pertença comum à família humana.

Com efeito, a proximidade é um bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença. Enquanto cristãos, vivemos uma tal proximidade como expressão do amor de Jesus Cristo, o bom Samaritano, que, compadecido, se fez próximo de todo o ser humano, ferido pelo pecado. Unidos a Ele pela ação do Espírito Santo, somos chamados a ser misericordiosos como o Pai e a amar, de modo especial, os irmãos doentes, frágeis e atribulados (cf. Jô 13, 34-35). E vivemos esta proximidade pessoalmente, mas também de forma comunitária: na realidade, o amor fraterno em Cristo gera uma comunidade capaz de curar, que não abandona ninguém, que inclui e acolhe sobretudo os mais frágeis.

A propósito, quero recordar a importância da solidariedade fraterna, que se manifesta concretamente no serviço, podendo assumir formas muito diferentes mas todas elas tendentes

a apoiar o próximo. «Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo». Neste compromisso, cada um é capaz de, «à vista concreta dos mais frágeis (...), pôr de lado as suas exigências e expectativas, os seus desejos de onipotência (...): o serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até "padece" com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas» (*Homília em Havana*, 20 de setembro de 2015).

4. Para haver uma boa terapia é decisivo o aspeto relacional, através do qual se pode conseguir uma abordagem holística da pessoa doente. A valorização deste aspeto ajuda também os médicos, enfermeiros, profissionais e voluntários a ocuparem-se daqueles que sofrem para os acompanhar ao longo do itinerário de cura, graças a uma relação interpessoal de confiança (cf. *Nova Carta dos Agentes da Saúde*, 2016, 4). Trata-se, pois, de estabelecer um pacto entre as pessoas carecidas de cuidados e aqueles que as tratam; um pacto baseado na confiança e respeito mútuos, na sinceridade, na disponibilidade, de modo a superar toda e qual-

quer barreira defensiva, colocar no centro a dignidade da pessoa doente, tutelar o profissionalismo dos agentes de saúde e manter um bom relacionamento com as famílias dos doentes.

Tal relação com a pessoa doente encontra uma fonte inesgotável de motivações e energias precisamente na *caridade de Cristo*, como demonstra o testemunho milenar de homens e mulheres que se santificaram servindo os enfermos. Efetivamente, do mistério da morte e ressurreição de Cristo, brota aquele amor que é capaz de dar sentido pleno tanto à condição do doente como à da pessoa que cuida dele. Assim o atesta muitas vezes o Evangelho quando mostra que as curas realizadas por Jesus nunca são gestos mágicos, mas fruto de um encontro, uma relação interpessoal, em que ao dom de Deus, oferecido por Jesus, corresponde a fé de quem o acolhe, como se resume nesta frase que Jesus repete com frequência: «A tua fé te salvou».

5. Queridos irmãos e irmãs, o mandamento do amor, que Jesus deixou aos seus discípulos, encontra uma realização concreta também no relacionamento com os doentes. Uma sociedade é tanto mais humana quanto melhor souber cuidar dos seus membros frágeis e atribulados e o fizer com uma eficiência animada por amor fraterno. Tendamos para esta meta, procurando que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado.

Todas as pessoas doentes, os agentes da saúde e quantos se prodigalizam junto dos que sofrem, confio-os a Maria, Mãe de Misericórdia e Saúde dos Enfermos. Que Ela, da Gruta de Lourdes e dos seus inumeráveis santuários espalhados por todo o mundo, sustente a nossa fé e a nossa esperança e nos ajude a cuidar uns dos outros com amor fraterno. A todos e cada um concedo, de coração, a minha bênção.

Roma, São João de Latrão, 4º Domingo de Advento, 20 de dezembro de 2020.

Franciscus



«Jesus cura um doente», afresco no mosteiro de Dečani (Sérvia)

O Papa escreveu ao Cardeal venezuelano Porras Cardozo Pastor de um povo que sofre

«Deus continue a dar-te força e parrésia a fim de que, com o coração de pai, saibas acompanhar e consolar o teu santo povo fiel, posto à prova pelos sofrimentos causados pelo flagelo da pandemia, pela arrogância dos poderosos e pela crescente pobreza que o sufoca». Eis os votos que o Papa Francisco — numa breve mensagem transmitida na solenidade da Epifania, data em que se recorda também São Baltazar, um dos três reis magos — dirigiu ao cardeal venezuelano Baltazar Enrique Porras Cardozo, arcebispo de Merida e administrador apostólico de Caracas,

por ocasião do seu onomástico. No texto, o Pontífice assegura orações pelo ministério episcopal do purpurado, confiando-o à proteção da Virgem Maria e de São José, bem como ao patrocínio do santo rei mago, Baltazar, com a certeza da sua Bênção apostólica.

Aos votos formulados pelo Papa uniram-se também o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, que foi nuncio apostólico na Venezuela, e o arcebispo venezuelano Edgar Peña Parra, substituto da Secretaria de Estado.

SILVIA CAMISASCA

Os olhares cruzaram-se pela primeira vez num encontro muito rápido entre a clínica Mangiagalli e o vaivém de ambulâncias no pátio da policlínica de Milão: ela, Elena Fazzini, fundadora e responsável de “Hope”, organização sem fins lucrativos sediada em Milão, altamente especializada em projetos humanitários para a saúde e a educação; e ele, Paolo Taccone, diretor médico de cuidados intensivos no mesmo hospital, desde fevereiro em primeira linha na batalha contra a Covid-19. E se é verdade que alguns encontros mudam a vida, os deles salvaram centenas de pessoas: os numerosos pacientes curados, quando as últimas esperanças desvaneciam, com equipamentos médicos que, através de Hope, foram importados para a Itália e depois, em tempo recorde, doados a hospitais na luta contra o vírus. O extraordinário espírito de sacrifício com que trabalharam e a eficiência das suas intervenções distinguiu Hope a tal ponto que até o Papa Francisco sugeriu que à equipe de Elena fosse confiada a responsabilidade de orientar os esforços de socorro a alguns hospitais nos confins da terra: Brasil, Líbano e, logo que Elena e a sua organização humanitária puderem contar com os recursos necessários, a Amazônia e a Índia.

São muitos os recantos do planeta onde há sofrimento e dor; em cada terra há um irmão à espera da nossa ajuda. Em lugares fronteiriços, unidos pela necessidade urgente de ventiladores pulmonares, ultrassons, monitores e outros aparelhos médicos que salvam vidas, levar ajuda significa dar esperança devida concreta de vida e de cuidados. Paolo, que há poucos meses era médico reanimador que trabalhava em unidades de terapia intensiva na luta à Covid-19 em Milão, agora é também especial embaixador voluntário de Hope, pronto para levar a tecnologia da saúde onde quer que seja necessária. As pessoas morrem de coronavírus, mas um ventilador mecânico e um médico formado na sua utilização podem fazer a diferença: é por isso que Hope oferece, além dos dispositivos de saúde, a formação especializada necessária para fazer o melhor uso da tecnologia. Para atuar da melhor forma possível, organizar missões em lugares remotos, onde muitas vezes é difícil chegar, e em condições logísticas complexas, é necessária uma certa capacidade para enfrentar eventos e incidentes inesperados, para os quais tem sido útil a experiência de Elena, consolidada em organizações humanitárias, bem como o grande desejo de se dedicar gratuitamente ao serviço do próximo: qualidade que atraiu Paolo a esta aventura. «Lembrar-me-ei sempre do telefonema de 15 de fevereiro, com o qual Elena, respondendo ao nosso apelo desesperado por ventiladores, repentinamente não disponíveis, com incrível energia e determinação restituía confiança a todos nós. Este é também o espírito que me levou a escolher a profissão médica», afir-



Onde quer que haja um irmão à espera de ajuda

O trabalho da organização sem fins lucrativos “Hope” no Brasil contra a Covid

mou Paolo. Da policlínica de Milão e do hospital San Gerardo de Monza, com os primeiros 18 ventiladores, continuando com os de Bergamo, Brescia, Pavia e Como, todos os hospitais da Lombardia receberam o equipamento necessário. «Foi uma luta contra um vírus invisível, mas também contra o tempo, poder levar ajuda tangível em apenas uma semana, com todas as complicações de uma experiência nunca vivida antes». Dois seres humanos, como todos nós com muitos receios e dúvidas perante a escuridão de um período tão incerto, escolheram fazer a sua parte para o bem da comunidade humana, a única em que todos nos reconhecemos. E assim, silenciosamente, sem qualquer heroísmo ostentado, a sua rotina diária transformou-se na busca de meios e recursos para recuperar aparelhos salva-vidas e depois transferi-los para as estruturas hospitalares. Em seguida, a fase de formação do pessoal médico para a utilização dos aparelhos.

Como organização humanitária, especializada em projetos de saúde e educação na Itália e no Médio Oriente, e preparada para trabalhar em contextos de emergência, desde fevereiro Hope destacou-se como um dos principais protagonistas capazes de implementar ações específicas em resposta ao SOS dos hospitais com maiores dificuldades no tratamento de doentes atingidos pela epidemia de coronavírus. Centenas de milhares de dispositivos de proteção para os profissionais da saúde e a população, e mais de 170 aparelhos médicos salva-vidas, mas também prestação de serviços ao pessoal médico e oferta de meios às famílias dos doentes em dificuldades concretas. Pela segunda vez, nesta nova emergência, a mobilização foi rápida e, agora, incansavelmente, os voluntários chegam onde há necessidade – hospitais, paróquias e famílias em situações difíceis – levando respiradores pulmonares, máscaras, computadores e alimentos. Contudo, a missão que melhor demonstra a amplitude da solidariedade humana viu Hope

protagonista da maior operação italiana a favor dos hospitais brasileiros, através da compra e doação de 18 unidades de terapia intensiva equipadas com ventiladores pulmonares de alta tecnologia e ecógrafos portáteis para o diagnóstico e tratamento da Covid-19, com um valor superior a um milhão de euros, obtido graças ao precioso apoio de doadores particulares e associações filantrópicas, incluindo a Fundação europeia Guido Venosta, de Giuseppe Caprotti.

A iniciativa nasceu em resposta ao apelo do Papa Francisco através do seu esmoler, cardeal Konrad Krajewski, que confiou a Elena a missão no então segundo país do

mundo por número de contágios e mortes. Como testemunho do grande trabalho realizado, uma nova unidade de terapia intensiva chamada *Unidade intensiva Papa Francisco & Hope Onlus* foi inaugurada no hospital São Lucas, em Porto Alegre, com um gesto que manifesta a gratidão de toda a vasta comunidade local. Nesta longa viagem da esperança, Paolo Taccone foi acompanhado pelo ex-dirigente do Banco mundial, Antonio Guizzetti, que também é voluntário de Hope. Juntos viajaram milhares de km até às estruturas mais desfavorecidas, de difícil acesso, também de um ponto de vista logístico. Com efeito, alguns destes hospitais encontram-se

em recantos remotos do país e oferecem serviços de saúde num raio de quinhentos km, cobrindo assim as áreas habitadas pela população amazônica. Receberam os equipamentos médicos os centros que estavam desprovidos, geridos principalmente por várias ordens religiosas, que oferecem cuidados gratuitos a todos: o hospital Santa Casa da Misericórdia em Goiânia, o hospital de maternidade Dom Orione em Araguaiana, a sociedade beneficente São Camilo em Crato, o hospital São José em Aracaju, o hospital São Francisco na Providência de Deus, no Rio de Janeiro, e o hospital São Lucas em Porto Alegre. Todos foram doados, sem na-

da exigir em troca. «Não foi absolutamente fácil encontrar doadores prontos a apostar numa missão quase impossível – admite Elena, na véspera da sua partida para a próxima missão, no Líbano – mas no Brasil, na Índia e no Líbano, há milhares de pessoas esquecidas, que a epidemia corre o risco de tornar invisíveis: pelo contrário, esta deve ser a ocasião para despertar em todos uma humanidade e uma força hoje adormecidas. Pois cabe a nós e às novas gerações capitalizar a necessidade de uma relação com o outro, renovando o nosso olhar sobre o próximo: um olhar que restitua sentido e esperança à vida de todos os dias».



INFORMAÇÕES

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 31 de dezembro de 2020

De D. Thomas E. Gullickson, Arcebispo Titular de Polymartium, ao cargo de Nuncio Apostólico na Suíça e no Liechtenstein.

A 3 de janeiro

De D. Tadeusz Kondrusiewicz, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Minsk-Mohilev (Belarus), em conformidade com o cânone 401 § 1 do Código de Direito Canónico (CDC).

A 4 de janeiro

Do Senhor Cardeal John Njue, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Nairobi (Quênia).

De D. Henryk Marian Tomasiak, ao governo pastoral da Diocese de Radom (Polónia).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 1 de janeiro

Nuncio Apostólico na Argélia, D. Kurian Mathew Vayalunkal, Arcebispo Titular de Ratiaria, até agora Nuncio Apostólico na Papua-Nova Guiné e nas Ilhas Salomão.

Arcebispo Coadjutor da Arquidio-

cese Metropolitana de Wellington (Nova Zelândia), D. Paul Martin, S.M., até esta data Bispo da Diocese de Christchurch.

Vigário Apostólico de Quetta (Paquistão), o Rev.^{do} Pe. Khalid Rehmat, O.F.M. CAP., até à presente data Guardião da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos no Paquistão.

D. Khalid Rehmat, O.F.M. CAP., nasceu no dia 5 de agosto de 1968, em Mianwali, Diocese de Islamabad-Rawalpindi, no Paquistão. Emitiu os votos solenes na Família religiosa dos Frades Menores Capuchinhos em 28 de dezembro de 2007 e recebeu a Ordenação presbiteral a 16 de agosto de 2008.

No dia 3 de janeiro

Administrador Apostólico “sede vacante” da Arquidiocese Metropolitana de Minsk-Mohilev (Belarus), D. Kazimierz Wielikosiolec, O.P., atualmente Bispo Titular de Blanda Julia e Auxiliar da Diocese de Pinsk.

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Korhogo (Costa do Marfim), D. Ignace Bessi Dogbo, até hoje Bispo da Diocese de Katiola.

No dia 4 de janeiro

Bispo da Diocese de Radom (Polónia), D. Marek Solarczyk, até agora Bispo Titular de Hólar e Auxiliar da Diocese de Warszawa-Praga.

No dia 5 de janeiro

Bispo da Diocese de Buéa (Camarões), D. Michael Miabesue Bibi, até

esta data Bispo Titular de Amudarsa e Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Bamenda.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 31 de dezembro de 2020

D. Floribert Songasonga Mwitwa, Arcebispo Emérito de Lubumbashi, na República Democrática do Congo.

O ilustre Prelado nasceu em Kalas, Arquidiocese de Lubumbashi (República Democrática do Congo), a 29 de agosto de 1937. Foi ordenado Sacerdote em 14 de agosto de 1963 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 24 de agosto de 1974.

A 4 de janeiro

D. Antoni Stankiewicz, Bispo Titular de Nova Petra, Decano Emérito da Rota Romana.

O venerando Prelado nasceu em Oleszce (Polónia), a 1 de outubro de 1935. Recebeu a Ordenação presbiteral a 20 de dezembro de 1958 e foi ordenado Bispo em 16 de dezembro de 2006.

D. Guillermo Rodríguez-Melgarejo, Bispo Emérito de San Martín, na Argentina.

O saudoso Prelado nasceu no dia 20 de maio de 1943, em Buenos Aires (Argentina). Foi ordenado Presbítero em 23 de maio de 1970 e recebeu a Ordenação episcopal a 27 de setembro de 1994.

ANGELUS – Apelo do Papa depois do assédio ao congresso dos Estados Unidos

Reconciliação nacional e tutela da democracia nos EUA

O Papa pediu às autoridades e «ao povo dos Estados Unidos da América, abalado pelo recente ataque ao Congresso», um duplo compromisso em prol da «reconciliação nacional» e da salvaguarda dos «valores democráticos enraizados na sociedade». O apelo foi lançado a 10 de janeiro, no final do Angelus recitado na Biblioteca do Palácio apostólico do Vaticano, ainda sem a presença de fiéis por causa do coronavírus. Precedentemente, comentando o Evangelho do dia, Francisco propôs uma meditação sobre o Batismo de Jesus.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!
Hoje celebramos o Batismo do Senhor. Há alguns dias deixámos o menino Jesus, visitado pelos Magos; agora encontramos-lo adulto nas margens do Jordão. A Liturgia faz-nos dar um salto de quase

do tempo do Senhor na Terra tenha sido passado desta forma, vivendo a vida quotidiana, sem aparecer. Pensemos que, de acordo com os Evangelhos, foram três anos de pregações, milagres e muitas coisas. Três. E os outros, todos, de vida escondida em família.

O batismo de João consistia num rito penitencial, era sinal da vontade de se converter, de ser melhor, pedindo perdão pelos próprios pecados. Certamente Jesus não os tinha. De facto, João Batista procura opor-se, mas Jesus insiste. Porquê? Porque quer estar com os pecadores: é por isso que se põe na fila com eles e faz o mesmo gesto. Ele fá-lo com a atitude do povo, com a sua atitude [do povo] que, como diz um hino litúrgico, se aproximava com “nua a alma e nus os pés”. A alma nua, ou

decreto, não: salva-nos vindo até nós e assumindo os nossos pecados. É assim que Deus vence o mal do mundo: abaixando-se, e assumindo-o sobre si mesmo. É também o modo como podemos elevar os outros: não julgando, não lhes dizendo o que fazer, mas estando perto deles, partilhando o amor de Deus. A proximidade é o estilo de Deus para conosco; Ele próprio disse a Moisés: “Pensa: que pessoas têm os seus deuses tão próximos como tu me tens a mim?”. A proximidade é o estilo de Deus para conosco.

Depois deste gesto de compaixão de Jesus, acontece uma coisa extraordinária: os céus abrem-se e a Trindade é finalmente revelada. O Espírito Santo desce sob a forma de pomba (cf. Mc 1, 10) e o Pai diz a Jesus: «Tu és o meu Filho muito amado» (v. 11). Deus manifesta-se quando a misericórdia aparece. Não vos esqueçais disto: Deus manifesta-se quando a misericórdia aparece, porque esse é o seu rosto. Jesus faz-se servo dos pecadores e é proclamado Filho; Ele abaixa-se sobre nós e o Espírito Santo desce sobre Ele. O amor chama pelo amor. Também se aplica a nós: em cada gesto de serviço, em cada obra de misericórdia que realizamos, Deus manifesta-se, Deus põe o seu olhar sobre o mundo. Isto é válido para nós.

Mas, mesmo antes que façamos algo, a nossa vida é marcada pela misericórdia que se pousou sobre nós. Fomos salvos gratuitamente. A salvação é gratuita. É o gesto gratuito de misericórdia de Deus para conosco. Sacramentalmente, isto é feito no dia do nosso batismo; mas até aqueles que não



são batizados recebem sempre a misericórdia de Deus, porque Deus está lá, à espera, à espera de que as portas dos corações se abram. Ele aproxima-se, ousa dizer, acaricia-nos com a sua misericórdia.

Que Nossa Senhora, a quem agora rezamos, nos ajude a salvaguardar a nossa identidade, ou seja, a identidade de sermos “misericordiosos”, que está a base da fé e da vida.

Após a oração mariana, o Pontífice falou sobre a situação nos Estados Unidos; depois, saudando os fiéis que sintonizados através dos meios de comunicação social, lamentou não ter podido batizar — devido às limitações impostas pela pandemia — os recém-nascidos na Capela Sistina, segundo a tradição, e dirigiu um pensamento a «todas as crianças que neste período recebem» o sacramento. No final, recordou a conclusão do tempo litúrgico do Natal e o início do tempo comum, exortando a «viver com amor as situações da vida» para «as tornar extraordinárias».

Estimados irmãos e irmãs
Dirijo uma saudação afetuosa

ao povo dos Estados Unidos da América, abalado pelo recente assédio ao Congresso. Rezo por quantos perderam a vida — cinco — naqueles momentos dramáticos. Reitero que a violência é sempre autodestrutiva. Nada se ganha com a violência e muito se perde. Exorto as Autoridades do Estado e toda a população a manterem um elevado sentido de responsabilidade, a fim de acalmar os ânimos, promover a reconciliação nacional e proteger os valores democráticos enraizados na sociedade americana. Que a Virgem Imaculada, Padroeira dos Estados Unidos da América, ajude a manter viva a cultura do encontro, a cultura do cuidado, como via mestra para construir juntos o bem comum; e que o faça com todos os que vivem naquela terra.

É agora saúde de coração todos vós que estais conectados através dos meios de comunicação social. Como sabeis, devido à pandemia, não pude celebrar hoje os Batismos na Capela Sistina, como é habitual. Contudo, gostaria de assegurar as minhas orações pelas crianças que foram inscritas e pelos seus pais, padrinhos e madrinhas; e também por todas as crianças que neste momento estão a receber o Batismo, a receber a identidade cristã, a receber a graça do perdão e da redenção. Deus abençoe a todos!

E amanhã, caros irmãos e irmãs, ao concluir o Tempo do Natal, retomaremos com a liturgia o caminho do Tempo Comum. Não nos cansemos de invocar a luz e a força do Espírito Santo, para que nos ajude a viver as coisas comuns com amor e, assim, torná-las extraordinárias. É o amor que muda: as coisas comuns parecem continuar a ser comuns, mas quando são feitas com amor, tornam-se extraordinárias. Se permanecermos abertos, dóceis ao Espírito, Ele irá inspirar os nossos pensamentos e ações quotidianas.

Desejo a todos um bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



trinta anos, trinta anos dos quais sabemos uma coisa: foram anos de vida escondida, que Jesus passou em família — primeiro, alguns anos no Egito, como migrante fugido da perseguição de Herodes, os outros em Nazaré, aprendendo o ofício de José — em família obedecendo aos pais, estudando e trabalhando. É impressionante que a maior parte

É uma bela mensagem para nós: revela-nos a grandeza do dia a dia, a importância aos olhos de Deus de cada gesto e momento da vida, até o mais simples, o mais escondido.

Após estes trinta anos de vida escondida, começa a vida pública de Jesus. E tem início precisamente com o batismo no rio Jordão. Mas Jesus é Deus, por que se faz batizar?

seja, sem cobrir nada, pecador. Este é o gesto que Jesus faz, e desce ao rio para se imergir na nossa própria condição. Com efeito, batismo significa precisamente “imersão”. No primeiro dia do seu ministério, Jesus oferece-nos assim o seu “manifesto programático”. Ele diz-nos que não nos salva de cima, com uma decisão soberana ou um ato de força, um

Entrevista do Papa ao programa do canal televisivo italiano “Tg5”

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

sões sociais até dentro dos Estados”. E assim falou da “classe dirigente” quer na Igreja, quer na vida política. Neste momento de crise, exortou, “toda a classe dirigente não tem o direito de dizer ‘eu’... deve dizer ‘nós’ e buscar uma unidade diante da crise”. Neste momento, reafirmou com força, “um político, um pastor, um cristão, um católico, ou um bispo, um sacerdote, que não tem a capacidade de dizer ‘nós’ em vez do ‘eu’, não está à altura da situação”. E acrescentou que os “conflitos na vida são necessários, mas neste momento devem ir de férias”, dar espaço à unidade “do país, da Igreja, da sociedade”.

Aborto é questão humana antes de ser religiosa

Mais uma vez, Francisco observou que a crise devida à pandemia exacerbou ainda mais a “cultura do des-

carte” no confronto dos mais fracos, quer sejam pobres, migrantes ou idosos. Falou especialmente no drama do aborto que descarta crianças desejadas. “O problema do aborto”, advertiu, “não é um problema religioso, é um problema humano, pré-religioso, é um problema de ética humana” e depois religioso. “É um problema que também um ateu tem de resolver na sua consciência”. “É correto”, perguntou o Pontífice, “cancelar uma vida humana para resolver um problema, qualquer problema? É correto contratar um assassino para resolver um problema?”.

Capitol Hill, aprender com a história nunca a violência

O Papa não deixou de comentar os dramáticos acontecimentos no Capitol Hill no último dia 6 de janeiro. Confidenciou que ficou “surpreendido”, considerando a disciplina do povo dos Estados Unidos e a maturi-

dade da sua democracia. No entanto, observou, até nas realidades mais maduras, há sempre algo errado quando há “pessoas que empreendem um caminho contra a comunidade, contra a democracia, contra o bem comum”. Agora que isto se verificou, continuou, foi possível “ver bem” o fenómeno e “pode-se remediar”. Francisco condenou a violência: “Devemos refletir e compreender bem e, para não repetir, aprender com a história”, estes “grupos pararegulares que não estão bem inseridos na sociedade, mais cedo ou mais tarde causam estas situações de violência”.

A fé, um dom a ser pedido ao Senhor

Por fim, o Papa comentou como está a viver as restrições devidas à pandemia. Ele confidenciou que se sente “enjaulado”, que pensa nas viagens canceladas para evitar as aglomerações e acalenta a esperança de

visitar o Iraque. Neste momento, dedica mais tempo à oração, à conversa pelo telefone e reitera como foram importantes para ele alguns momentos, tais como a *Statio Orbis* em São Pedro a 27 de março passado, “uma expressão de amor a todas as pessoas” e que nos faz “ver novas formas de nos ajudarmos uns aos outros”. Ele oferece assim uma reflexão sobre a fé no Senhor, que — disse — é antes de tudo “um dom”. “Para mim” — afirmou —, “a fé é um dom, nem eu nem tu, nem ninguém pode ter fé com as próprias forças: é um dom dado pelo Senhor”, que não se pode comprar. Retomando em seguida uma passagem do Deuterónimo, o Papa Francisco exortou a invocar a “proximidade de Deus”. Esta proximidade “na fé é um dom que devemos pedir”. A entrevista concluiu-se com os votos de que em 2021 “não haja descartes nem comportamentos egoístas” e que a unidade possa prevalecer sobre os conflitos.